



***Do teatro ao testemunho: a representação do natal na visão de
são francisco de assis após oitocentos séculos***

*From theater to testimony: the representation of christmas in the vision of
saint francis of assis after eight centuries*

*Del teatro al testimonio: la representación de la Navidad en la visión de
São Francisco de Assis después de ochocientos siglos*

José Roberto da Silva¹, Aline Carla de Medeiros² e Patricio Borges Maracajá^{1,2}

RESUMO: O objetivo do nosso artigo é celebrar os 800 anos do presépio franciscano, procurando compreender as estratégias de escrita adotadas por vários autores para construir no imaginário popular a figura histórica de São Francisco. Autoridades como Tomás de Celano, Joseph Ratzinger, entre outros escritores, definiram representações sobre o evento na gruta de Greccio e os atores sociais que vivenciaram aquele momento fundamental para o cristianismo imaginado pelo Santo de Assis. O presépio, em pleno século XXI, ainda faz parte da cultura do Natal no final do ano e, provavelmente, irá permanecer por longos séculos, simbolizando o mistério da encarnação do Filho de Deus. Outro ponto que não pode ser esquecido é a importância da imprensa escrita que procura noticiar o dia do Natal e a ação do povo comum produzindo seu presépio, e de forma sutil, preservando uma tradição secular que não pode ser esquecida. A encenação do Natividade, na aldeia de Greccio, pertence a um contexto geral da Bela Idade Média, expressão do historiador Jacques Le Goff, que não pode ser desconectada de um período em que “trupes” viajavam de cidades em cidades divulgando muitas histórias, entre elas, temas bíblicos. Será que a encenação imaginada por Francisco teve influência desses artistas? Não temos registro para afirmar, só nos resta imaginar.

Palavras-chave: religiosidade; franciscanismo; representação.

ABSTRACT: The objective of our article is to celebrate the 800th anniversary of the Franciscan nativity scene, seeking to understand the writing strategies adopted by various authors to build the historical figure of Saint Francis in the popular imagination. Authorities such as Thomas of Celano, Joseph Ratzinger, among other writers, defined representations about the event in Greccio's cave and the social actors who experienced that fundamental moment for Christianity imagined by the Saint of Assisi. The nativity scene, in the middle of the 21st century, is still part of the Christmas culture at the end of the year and will probably remain for many centuries symbolizing the mystery of the incarnation of the Son of God. Another point that cannot be forgotten is the importance of the written press, which seeks to report on Christmas Day and the action of the common people by producing their nativity scene, and in a subtle way, preserving a secular tradition that cannot be forgotten. The staging of the Nativity, in the village of Greccio, belongs to a general context of the Beautiful Middle Ages, expression of the historian Jacques Le Goff, which cannot be disconnected from a period on what “troupe” traveled from city to city spreading many stories, among them, biblical themes. Could it be that the staging imagined by Francisco was influenced by these artists? We have no record to say, we can only imagine.

Keywords: religiosity; Franciscanism; representation.

¹*Doutorando em Ciências da Religião, pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP e professor de História da Igreja da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN. **E-mail:** josefranciscano@hotmail.com

²Prof. D. Sc. do Programa de Pós Graduação em Gestão em Sistemas Agroindustriais da UFCG em Pombal – PB **E-mail:** alinecarla.edu@gmail.com;

³ Bolcista do CNPq/INSA – Instituto Nacional do Semiárido – Campina Grande – PB **E-mail:** patricio.maracaja@insa.gov.br

RESUMEN: El objetivo de nuestro artículo es celebrar los 800 años del belén franciscano, buscando comprender las estrategias de escritura adoptadas por diversos autores para construir la figura histórica de San Francisco en el imaginario popular. Autoridades como Tomás de Celano, Joseph Ratzinger, entre otros escritores, definieron representaciones del suceso en la cueva de Greccio y los actores sociales que vivieron ese momento fundamental para el cristianismo imaginado por el Santo de Asís. El belén, en pleno siglo XXI, sigue formando parte de la cultura navideña de fin de año y probablemente lo seguirá siendo durante muchos siglos, simbolizando el misterio de la fontanería del Hijo de Dios. Otro punto que no se puede olvidar es la importancia de la prensa escrita que busca informar sobre el día de Navidad y la acción del pueblo llano produciendo su belén, y de manera sutil, preservando una tradición centenaria que no se puede olvidar. La puesta en escena de Natividade, en el pueblo de Greccio, pertenece a un contexto general de la Bella Edad Media, expresión del historiador Jacques Le Goff, que no puede desvincularse de una época en la que las “compañías” viajaban de ciudad en ciudad compartiendo muchas historias. , entre ellos, temas bíblicos. ¿La puesta en escena imaginada por Francisco pudo haber sido influenciada por estos artistas? No tenemos antecedentes que confirmar, sólo podemos imaginarlo.

Palabras clave: religiosidad; franciscanismo; representación

INTRODUÇÃO

2023 é um marco para o catolicismo e, especificamente, para os festejos dos franciscanos. A data representa um marco cultural de um costume solidificado pelo tempo e trabalho árduo dos cristãos em dá um sentido singular para o nascimento de Cristo. O presépio superou o crivo de oitocentos séculos e adentrou no século vinte e um abrilhantando as casas das pessoas como um sinal de esperança e fraternidade.

Os anos de 2020 e início de 2021 marcou a memória social¹ das pessoas sobre a fragilidade da vida humana diante da força da natureza. O isolamento social reprimiu diversas celebrações e redefiniu novas formas de sociabilidade, ou seja, a humanidade utilizou o *mundo* virtual para continuar interagindo. Em 2022, começou o tempo de retomar a vida social em seu ritmo comum, ou seja, os trabalhos dos representantes da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) já estavam em processo e a divulgação sobre os oitocentos anos do presépio franciscano ganhava as páginas de alguns periódicos e revistas² no Brasil.

¹ Para Jô Gordar (2008, p. 2), O “historiador como Jacques Le Goff [...] preferirá reservar a designação de memória coletiva para os povos sem escrita, aplicando o termo memória social às sociedades onde a escrita já tinha se instalado. Nesse caso, a possibilidade de construir uma história permitiria distinguir memória coletiva e social: esta última teria como testemunhas os documentos escritos, inexistentes entre os povos de cultura exclusivamente oral”.

² Para a Revista Museu (26 dez. 2022), “segundo historiadores, a arte do presépio nasceu há quase 800 anos, quando São Francisco de Assis fez uma encenação para mostrar o nascimento de Jesus Cristo para os camponeses. A partir disso, as pessoas começaram a reproduzir a cena do nascimento de Jesus usando materiais e criatividade próprios. Assim, as obras passaram a extrapolar a função de objeto de devoção e fé, funcionando como manifestação cultural e artística”.

Outro ponto significativo de nossa investigação foi apresentar, através de uma bibliografia, o *renascimento* da diversidade das artes na Europa do século XII e XIII onde os artistas, específicos, apontaram outras estratégias para interpretar temas bíblicos para os cristãos, criticando a credibilidade da Igreja Católica que estava vivendo apenas de luxúria e exploração dos camponeses. Nos últimos tópicos, tentamos compreender as vozes de algumas testemunhas que registraram sobre a vida de São Francisco de Assis e seus trabalhos, particularmente, na aldeia de Greccio.

1 Do teatro: o crepúsculo medieval diante do florescimento das artes secularizadas

E o verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade³ (João 1:14).

Na vida de grande parte dos medievos não estava incluso o hábito da leitura. Essa prática estava restrita a um círculo de homens e mulheres que vivenciavam o cotidiano da alta hierarquia da Igreja Católica. De acordo com Cláudio DeNipoti (1996, p. 84), “O ensino da leitura era feito visando principalmente as orações e os textos religiosos, sendo as bibliotecas mantidas quase que exclusivamente nos mosteiros”

Nesse contexto cultural, a arte da leitura não chegava às pessoas⁴ da sociedade medieval, e durante mil anos a vida e ensinamentos de Cristo, junto aos seus seguidores, era vivenciada através dos longos discursos da hierarquia católica e pronunciada em uma linguagem rebuscada, promovendo um distanciamento do amor fraterno outorgado através da aliança entre os homens e o Unigênito do Pai. Os instrumentos e estratégias adotados por alguns religiosos definiram uma interpretação da Bíblia para além da escrita e discursos vagos de alguns religiosos. A arte e o testemunho das pessoas que experimentaram a agonia de uma exploração espiritual e trabalhista, ganhavam visibilidade na escrita registrada sobre o cotidiano do teatro medieval.

Conforme aponta Tuchman (1989, p. 286),

³ Bíblia de estudo e aplicação pessoal: versão Almeida Revista e Corrigida Edição de 1995: CPAD. p.1414.

⁴ De acordo com Rogério Tabet de Almeida (2017, p. 229), “A mudança de padrões filosóficos ocorrida na Idade Média representou os primeiros passos para o desenvolvimento da noção de pessoa. Até então, na perspectiva clássica e medieval, a pessoa humana, embora reconhecida na sua singularidade e dignidade ontológica, não chegou a ser o centro das preocupações: se a influência cristã a colocou na qualidade de sujeito dotado de valores intrínsecos a sua própria humanidade, o fez por ser ela imagem e semelhança de Deus”.

O teatro refletia a vida medieval. Desenvolvendo-se a partir de ato litúrgico encenados a porta da igreja, o drama saíria as ruas [...] onde era reproduzidas por guildas e confrarias, em plataformas dotadas de rodas, com diferentes cenários puxados em sucessão. As peças iam de cidade em cidade, atraindo um público constituído por toda a sociedade – camponeses e burgueses, monges e estudantes, cavalheiros e damas e o senhor local na primeira fila [...] os temas eram religiosos, mas o estilo de representação era secular, visando o entretenimento.

Os temas religiosos, e secularizados, transbordavam através das tímidas cidades que estavam florescendo no final do século XIV, ganhando contornos distintos do teatro grego⁵. O Cristo, os apóstolos, santos, entre outros que atuaram nos cenários bíblicos, agora *saltavam* das páginas do livro sagrado e ganhavam o imaginário dos medievais que não sabiam interpretar o conceito hagiográfico. De acordo com François Dosse (2009, p. 139),

O que recuperamos da vida dos heróis antigos no discurso hagiográfico é o discurso das virtudes, mas em sua versão maravilhosa, miraculosa, que depende de uma lógica alheia a este mundo. A hagiografia pressupõe o desaparecimento do santo e uma construção singular dos testemunhos de sua vida, com a ideia de mostrar que a própria lógica de sua existência sempre foi orientada pela intenção de sacrificar-se pelos semelhantes.

Analisando o discurso hagiográfico podemos observar, através das visões sobre imaginário medieval, um conceito complexo e que pode ser investigado pela documentação produzida no período do medievalismo, pois, de acordo com Joaquim Romero de Magalhães (2001, p. 5), “A imaginação dos homens resiste à realidade, teima em continuar acreditando no que quer. No que a vida e a história se intrometem esfacelando ilusões”.

O fragmento do texto de Barbara Tuchman visualiza e imagina uma sociedade pelos seus estereótipos de padrões *quase* imutáveis. De acordo com Eduardo Cristiano Hass da Silva (2015, p 142),

[...] as apresentações começaram a encantar cada vez mais fiéis, e entre os séculos XII-XIII o teatro vai para fora da igreja, para as praças, onde emerge o segundo momento do teatro medieval. O clero perde o poder sobre o que chegava até o povo, e o teatro passa a ser uma manifestação popular. [...] a praça vai transformar-se num teatro e, ao falar deste teatro que floresce nas praças medievais, e [...] ele atrai um público cada vez maior, chegando até milhares de pessoas em alguns momentos”.

⁵ De acordo com Palongan, Silva e Cassandre (2019, 38), “[...] o teatro na forma que conhecemos no ocidente teve sua origem na Grécia no século V a.C., nas festas que eram realizadas em homenagem ao deus Dioniso, as Dionisiacas. Dioniso era considerado deus do vinho, da vegetação, do crescimento, da procriação, da vida exuberante e do teatro [...] Tais festas aconteciam todos os anos, na primavera, na época em que era feita a colheita das uvas para produção do vinho e duravam vários dias”.

Um ponto que merece uma investigação histórica é justamente a razão que dá ampliação do horizonte, nos séculos XII ao XIII, de um teatro que retratava a complexidade da Europa Medieval: Crítica a Igreja Católica, crise do modelo econômico feudal e o renascimento das cidades. De acordo com Mauricio Alves Carrara (2017), o final do século XII e grande parte do século XIII foi denominado por Le Goff de Idade Média, tal o conjunto de mudanças e de inovações por que passa a Cristandade, esse grande conjunto civilizacional que constituiria as a grande base cultural do que hoje chamamos Europa. “Este foi o mundo em que nasce e atua Francisco de Assis, cujas ideias e pregações constituíram uma das mais importantes páginas de transformação da vida cultural e religiosa do medievo” (Carrara, 2017, p. 22). Um turbilhão de eventos castigava as estruturas socioeconômica medieval, possibilitando a chegada da Modernidade.

Dessa forma, a Modernidade se configura como um período histórico inconcluso que teve início no final do século XV e foi marcado pelo seu caráter revolucionário em relação a costumes, princípios, valores, de ordens econômica, política, social e cultural vigentes no momento anterior, a Idade Média. Com a Modernidade, porém, “ocorre a ruptura com a sociedade de ordens, que barrava as liberdades individuais; a laicização política, econômica e cultural [...]” (Formigoni, 2017, p. 139).

2 Da imprensa escrita: as pessoas vivenciando o simbolismo do Natal vira notícia

Desde então, os presépios nacionais passaram a ser esculpido com influências indígenas, negras e caboclas. A fauna e a flora brasileiras também foram incorporadas à cena da chegada de Cristo⁶.
(Jornal Correio Brasiliense)

O periódico *Correio Brasiliense* dedicou uma página inteira para dar visibilidade aos seus leitores sobre a importância simbólica para seu público consumidor sobre a chegada do período natalício e todas as representações dessa época. Esta edição passou a circular entre a população letrada⁷, no dia vinte e um de dezembro de 2017, apresentando pessoas que dedicavam parte de seu tempo para organizar e montar o presépio de formas

⁶ *Jornal Correio Brasiliense*, 21 /12/2017. Disponível em: www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/12/21/interna_cidadesdf,649170/tradicao-dos-presepios-se-renova-em-varios-pontos-do-df.shtml

⁷ Termo utilizado por Martins e Luca (2008, p. 7) para os consumidores deste gênero de literatura.

distintas, mas que carregavam o mesmo significado: a chegada do Filho de Deus entre os homens.

O jornal registrou a opinião do cidadão Antônio Eustáquio da Silva, de 60 anos, que dedicou meses, antes de dezembro, para produzir um presépio estruturado na parte interna e externa de sua residência. Já a secretária Maria da Graças Tibúrcio de 52 anos dedicou-se a uma produção de um presépio mais simples, utilizando materiais recicláveis.

O *Correio Brasiliense* optou por abordar as pessoas e suas experiências na produção de seus presépios em suas casas e os sentimentos experimentados por elas diante da chegada do último mês do ano. A proposta do periódico conecta-se a uma Carta escrita pelo Papa Francisco intitulada “*Carta Apostólica sobre o significado e o valor do presépio*” lançada, a princípio, em 2019, e depois atualizada em 2020:

[...] com esta Carta, quero encorajar essa bonita tradição de nossas famílias prepararem o presépio nos dias que antecedem o Natal, como também o costume de monta-lo nos ambientes de trabalho, nas escolas, nos hospitais, nos estabelecimentos prisionais e nas praças... um verdadeiro exercício de imaginação criativa, que recorrem aos mais variados materiais para produzir obra prima de beleza (Francisco, 2020, p. 7).

A carta do Pontifício define diretrizes importantes sobre a importância da *Natividade* de Cristo. Os costumes de montar o presépio nas casas das pessoas e a importância de sua visita à aldeia Greccio são pilares fundamentais para os cristãos católicos captarem a essência do pensamento franciscano. Voltando para escrita da imprensa, a *Folha de Pernambuco*, alguns anos depois, procurou focalizar as ações nas comemorações dos oitocentos anos da representação do nascimento de Jesus Cristo conectando a *Campanha do Natal Solidário*.

Para legitimar sua notícia, o periódico utiliza a voz do Frei Cesar que recomenda seguirem as redes e Instagram do Convento de Olinda - @conventodeolinda - que serão surpreendidos com uma programação rica e que está sendo preparada junto com muitos amigos e amigas do convento, instituições como a Unicap, o Parque das Religiões, a província franciscana, a prefeitura de Olinda e tantos devotos do santo mais popular do mundo, além de pessoas de boa vontade⁸

A informação indica a importância de uma rede social – *Instagram* – para divulgação dos trabalhos do Convento e dá visibilidade a outras instituições que estão

⁸ *Folha de Pernambuco* 08/12/22. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/noticias/convento-de-sao-francisco-comemora-800-anos-da-criacao-do-presepio-com/249601/>

apoiando os trabalhos dos católicos diante das comemorações dos oitocentos anos da encenação do presépio franciscano. A importância do periódico, seja em formato digital ou impresso, circular é fundamental, pois dá visibilidade aos eventos que fazem parte do cotidiano das pessoas e como todo documento histórico carrega interesses subjetivos⁹.

Nas considerações de Cruz e Peixoto (2009, p. 254),

E, sem dúvida, tais usos nos distanciam de um tempo em que a imprensa era considerada como fonte suspeita, a ser usada com cautela, pois apresentava problemas de credibilidade. Nestas últimas décadas perdemos definitivamente a inocência e incorporamos a perspectiva de que todo documento, e não só a imprensa, é também monumento, remetendo ao campo de subjetividade e da intencionalidade com o qual devemos lidar.

Segundo as pesquisadoras Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto, as notícias são permeadas de objetividade e subjetividade. As razões para os dois jornais - *Correio Brasiliense* e *Folha de Pernambuco* - dedicar uma página inteira para o presépio franciscano é definido por uma conexão, de acordo com a fala do Frei Cesar, entre a figura de São Francisco e a cultura do povo. O *journal de Barreto*, no ano de 2019, emite apenas uma nota, mas de fundamental importância para os franciscanos, pois o artigo notifica a fala do Papa Francisco em seu itinerário em direção a Greccio:

“Irei a Greccio para rezar no lugar do primeiro presépio que fez São Francisco de Assis e enviar a todo o povo fiel uma carta para que entendam o significado do presépio. Faço votos a todos vocês que, no Advento, a espera do Salvador, preencham os seus corações de esperança e os encontre alegres no serviço aos mais necessitados”, disse o Pontífice na quarta-feira (28)¹⁰

Os periódicos são de regiões de Brasília/DF, São Paulo e Pernambuco, mas carregam a unidade do pensamento católico utilizando as vozes de pessoas comuns e do Frei Cesar. A imprensa escrita, como abordamos anteriormente, circula em função das comunidades que apresentam anseios e interesses em consumir determinadas notícias, ou seja, “a imprensa escrita, televisão disputam as ‘melhores’ testemunhas aquelas cujas palavras supostamente inscrevem no coração do leitor ou do espectador uma marca indelével” (Farge, 2011. p. 79).

⁹ Para Germimati e Melo (2018, p. 2), o documento histórico “[...] carrega uma essência extremamente peculiar, as subjetividades intrínsecas às práticas e aos interesses que norteiam a pesquisa histórica deixam de ser consideradas na atualidade, como fatores somente de distorção e são levados a processos determinantes para a produção de um saber”.

¹⁰ *Journal de Barreto*, 30 /11/ 2019. Disponível em: <https://jornaldebarretos.com.br/artigos/papa-rezara-no-lugar-do-primeiro-preseprio-feito-por-sao-francisco-de-assis/>

3 “A aldeia de Greccio e o presépio franciscano”: a construção de uma tradição entre os homens

As cidades fascinam. Realidade muito antiga, elas se encontram na origem daquilo que estabelecemos como os indícios do florescer de uma civilização: a agricultura, a roda, a escrita, os primeiros assentamentos urbanos. Nessa aurora do tempo, milênios atrás, elas lá estavam, demarcando um traçado, em formato quadrado ou circular; definindo um espaço construído e organizado, logo tornado icônico do urbano — torres, muralhas, edifícios públicos, praças, mercados, templos; a exhibir sociabilidades complexas e inusitadas na aglomeração populacional que abrigavam; a ostentar a presença de um poder regulador da vida e de outro ordenador do além, na transcendência do divino (Pesavento, 2007, p. 11).

A historiadora Sandra Jatay Pesavento define no parágrafo acima algumas características de uma cidade antiga, mas que carrega em si o germinar de uma civilização cada vez mais complexa. O espaço urbano ganha uma conotação de palco onde diversos atores sociais¹¹ circularam em busca de seus interesses, alimentando uma busca frenética por manter ou galgar profissões inovadoras. As cidades podem definir *sobrenomes* de pessoas *importantes*, a saber: Tales de Mileto, Leonardo da Vinci e, particularmente, São Francisco de Assis.

A italiana Maria Sticco (1991, p. 44-45) representa, através de sua escrita, a cidade de Assis detalhando, de forma magnífica, sua espacialidade rústica, mas carregada de sentimentos:

[...] E eis que de longe Assis. De perto, ver-se que a cidadezinha por poucas ruas longas e quase planas [...] quem uma vez passou por aquelas ruas, não as esquecem nunca. Estreitas, irregulares, desertas, o que tem ela de belo? [...] os séculos, á passagem, tocaram-nas e retocaram-nas segundo o gosto peculiar de cada um deles. Janelas e portas lhe conservam os traços; dentro de ogivas, em suas belas coroas de pedras vêem-se vestígios de arcos do Renascimento e, dentro destes, esquadrias modernas. [...] Não, não é o Oriente, é a Itália mística que vela.

Os eventos que ocorreram em determinadas cidades ganharam, e ainda ganham, visualizações durante séculos graças ao poder da escrita daquele que testemunhou ou do

¹¹ Segundo Gehlen e Mocelin (2009), os atores sociais manifestam interesses sociais, econômicos, políticos, culturais, além de outros, de forma articulada, via de regra expressos por meio de formas perceptíveis, legítimas e geralmente regidas por legislação, normas, estatutos ou regimentos.

homem que registrou a fala de alguém. Cidades semelhantes a Tróia, Alexandria, Roma, entre outras, foram praticamente imortalizadas, graças as penas hábeis de algumas pessoas que ousaram escrever para além das paredes, calçadas, casas ou pontes, mas sobre os homens e seu tempo. No caso específico, uma aldeia marcou a trajetória de São Francisco de Assis: Gréccio.

O basco Inácio Larranãca inicia seu texto utilizando uma descrição parecida com Maria Sticco, descrevendo a geografia do lugar. Mas no percurso de sua escrita, Inácio faz a opção de apresentar pessoas que fazem parte de Greccio e sua vivência sentimental diante da mensagem do presépio. De acordo com autor, Francisco e seus irmãos

saíram, e foram pelo flanco esquerdo da montanha, por uma vereda primitiva que ia dar numa aldeia chamada Greccio. A vilazinha estava assentada numa ponta de rocha, em plena montanha, uma montanha nua e escalonada. Os aldeões se alegraram com a presença dos mensageiros [...] chegou o grande dia. Todos os irmãos do eremitério circunvizinhos de Greccio estavam na gruta, no dia 24 de dezembro. A alegria que reinava entre eles era inexplicável. Francisco não parecia cidadão desse mundo (Larranãca, 2012, p. 377-382).

O texto produzido pelo religioso basco apresenta um Francisco apreensivo diante da emergência da mensagem que seria registrada e divulgada para os seus contemporâneos. O ato de celebrar a chegada do filho de Deus entre os aldeões de Greccio revelaria uma comunidade desconhecida, até agora, na história da Igreja Católica que nos séculos vindouros figuraria na escrita de extensa bibliografia sobre o lugar. O autor Niklaus Kuster, diferente de Inácio Larranãca, não procura uma explicação de uma interação sentimental para o contexto do Natal em Greccio, mas uma vivência espiritual. O suíço reflete sobre a complexidade da situação vivenciada por Francisco diante do conflito entre o Papa Honório III e os mulçumanos que estavam nas *Terra Santa*, e é este momento delicado que leva o Santo de Assis a retornar para Itália no ano de 1223.

De regresso a Europa, Francisco imagina provocar uma forte vivência espiritual, ao transportar visualmente as famílias dos camponeses de Itália, para os campos de pastores de Belém. Assim, o Natal de 1223 torna-se uma encenação inesquecível, que faz viver o nascimento de Jesus de forma muito comovente. O irmão, já entrando em idade, passa o tempo frio do Advento de 1223 no eremitério de Greccio com alguns irmãos. O eremitério era constituído por grutas rochosas sobre o vale do Rieti, com um belo panorama que se estende sobre uma planície formosa, frente as montanhas Sabinas, ao norte de Roma (Kuster, 2012, p. 141).

Da vivência sentimental à espiritual apresentada pelos dois autores, Inácio Larranãca e Niklaus Kuster, a geografia acidental da aldeia de Greccio é um ponto em

comum na escrita de ambos. A pesquisa sobre Greccio é fundamental para tentamos captar as razões para Francisco e seus seguidores, optaram pela escolha do lugar, mas o ponto culminante de nossa pesquisa é o processo desencadeado pelo ato de fé.

Os 800 anos que separam a representação do nascimento de Cristo é uma prova de que o cristianismo experimentado e divulgado por São Francisco ainda permanece vivo e presente no imaginário popular. Construir uma tradição¹² é um trabalho hercúleo e fazer ela brotar e florescer em diversas nacionalidades e línguas é uma demonstração da ação coletiva de diversas pessoas para além da instituição religiosa. O Santo de Assis deu sua contribuição para o cristianismo católico através de seu discurso de uma vida medieval¹³, mas que carrega a força de uma tradição sustentada pela prática cotidiana do povo em pleno XXI.

4 Do testemunho: a fala de Tomás de Celano e o presépio franciscano

À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles (Isaias 8:20).

O testemunho é um conceito fundamental para investigar o legado dos santos e heróis registrados por pessoas letradas que tinham consciência da função dessa bibliografia para gerações futuras. De acordo com Carolina Pina Rodrigues Maciel (2016, p.75), o ato de ‘testemunhar’ apresenta a impossibilidade da testemunha de relatar o indizível. “O testemunho possui um relato ausente, distante do seu campo de fala. Sendo assim, a testemunha ocupa a função de resto, em que dará voz àquele que está incapacitado de falar”

Uma análise sobre o testemunho pode ser percebida na fala de Joseph Ratzinger no livro *Bento XVI: Infância de Jesus*, apontando a importância de utilizar a expressão “gruta” quando os autores forem escrever sobre o mistério da Natividade. De acordo com o religioso alemão,

¹² Para Eliana Ambrósio (2008, p. 29), “A consolidação do presépio como representação autônoma é ponto de divergência entre pesquisadores, especialmente nos estudos dedicados à história do desenvolvimento dos presépios napolitanos. Não cabe aqui estabelecer uma história de sua afirmação como objeto artístico, mas apresentar as influências recebidas de diversos campos que acabaram por firmar esta tradição”.

¹³ Segundo Idelfonso Bezerra (1996), Francisco não foi um homem moderno, nem representante da antiguidade clássica greco-romana. Foi um medieval.

[...] o mártir Justino (165) e em Orígenes (254 aprox.) se encontra a tradição segundo a qual o lugar de nascimento de Jesus teria sido uma gruta, que os cristãos na palestina indicavam. O fato de Roma – depois da expulsão dos judeus da Terra Santa, no segundo século - ter transformado a gruta no lugar de culto a Tammuz Adonis, pretendendo desse modo, evidentemente, suprimir a memória cultural dos cristãos. [...] muitas vezes as tradições locais são uma fonte mais atendível que as informações escritas. Pode-se, portanto, reconhecer uma medida notável de credibilidade na tradição local de Belém, a qual está ligada a própria basílica da Natividade (Ratzinger, 2012, p. 60).

Joseph Ratzinger aponta o testemunho de Justino¹⁴ para legitimar os usos da expressão “gruta” na escrita dos diversos autores que escreveram sobre o nascimento de Cristo. No tópico 3 “A aldeia de Greccio e o presépio franciscano: a construção de uma tradição entre os homens” percebemos que Inácio Larranacã e Niklaus Kuster também utilizaram a “gruta” para legitimar o lugar onde Francisco de Assis construiu o presépio de Greccio. Existem muitos testemunhos sobre a vida de Cristo e o Santo de Assis, mas optamos por focalizar o testemunho de Tomás de Celano diante da emergência do simbolismo do presépio franciscano. Conforme Silva e Passos (2002, p. 218),

Tomás nasceu em Celano, cidade situada em Abruzzos, na região central da Península Itálica, em fins do século XII. Juntou-se aos franciscanos provavelmente em 1215 (1 Cel 57). Em 1221, foi para a Alemanha, acompanhando Cesário de Espira em seu trabalho missionário. No ano seguinte, foi instituído como custódio de Wormácia, Maiença, Espira e Colônia. Posteriormente, com o retorno de Cesário para a Itália, tornou-se o ministro regional da Ordem Franciscana naquela área. Voltou para a Itália em 1223, período em que, provavelmente, pôde conviver um pouco com Francisco.

De acordo com as autoras do texto acima Francisco e Tomás de Celano, possivelmente, coexistiram no mesmo tempo e espaço. Mas será que existe outras fontes ou bibliografia que sustentem essa tese? Não encontramos bibliografia ou fontes que sustentem o “*provavelmente*” das duas autoras, mas a escrita do hagiógrafo é de fundamental importância, pois construiu o imaginário mais próximo que diversos religiosos, pesquisadores e historiadores narram sobre o Santo de Assis.

Apesar dos séculos de crivo sobre sua escrita, Celano ainda permanece pioneiro na produção sobre a vida de Francisco de Assis; de acordo com Frei Celso Márcio

¹⁴ Para Erico Tadeu Xavier (2014, p. 18), “a vida de Justino pode ser comparada a de Paulo no que diz respeito à descendência e defesa do cristianismo junto aos gentios. Ambos tinham vivido entre judeus e gentios, tinham boa formação e usavam da argumentação para convencer judeus e gentios a respeito de Cristo. Ambos foram martirizados em Roma, devido à sua fé. Convertido ao cristianismo, não deixou de ser filósofo, dedicando-se a expor uma filosofia cristã, explicando a relação entre o cristianismo e a sabedoria clássica. Ao chegar o momento de testificar sua fé em Cristo perante as autoridades greco-romanas, o fez com firmeza em prejuízo da própria vida, tornando-se mártir”.

Teixeira (2018, p. 15), “no final do século XIX, o estudioso de Franciscanismo, Paul Sabatier, colocava em dúvida se Tomás de Celano era o primeiro hagiógrafo de São Francisco. Hoje, após detalhados estudos, não existem dúvidas a esse respeito”.

Essa autoridade de Celano, apresentada pelo Frei Celso Márcio Teixeira, é compartilhada por outro religioso, o frei Fidêncio Vanboemmel, que afirma: “Ele, além de ser agraciado por ter conhecido pessoalmente a São Francisco, em duas ocasiões distintas [...]” (Vanboemmel, 2018, p. 7). Através da informação de Vanboemmel, podemos imaginar esse encontro que marcou, definitivamente, a vida de Celano. O mesmo Tomás de Celano testemunha, através de sua tinta e pena, “[...] visto que a memória de ninguém retém plenamente tudo o que ele fez ou ensinou [...] pelo menos aquelas coisas ouvir de sua própria boca ou cheguei a saber de testemunhas fiéis e comprovadas [...]” (Celano, 2018, p. 21).

Quais foram as informações que Celano, uma autoridade sobre a vida do Santo de Assis, apresentou sobre o nosso objeto de pesquisa: o presépio franciscano? De acordo com Tomás de Celano, testemunho impresso nas *Fontes Franciscanas e Clarianas* (2014, p. 254-257), os cristãos:

Deve-se, por isso, recordar e cultivar em reverente memória o que ele fez no dia do Natal de nosso Senhor Jesus Cristo, no terceiro ano antes do dia de sua gloriosa morte, na aldeia que se chama Greccio. [...] Os irmãos foram chamados de muitos lugares; homens e mulheres daquela terra, com ânimos exultantes prepararam segundo suas possibilidades, velas e tochas para iluminar a noite que com um astro cintilante iluminou todos os dias e os anos. [...] E, de fato, prepara-se o presépio, traz-se o feno, são conduzidos o boi e o burro. Ali se honra a simplicidade, se exalta a pobreza, se elogia a humildade; e de Greccio se fez como que uma nova Belém.

As cidades invocam suas tradições, construídas no alvorecer das civilizações elas guardam suas peculiaridades. No princípio de sua gestação já apresentava os indícios de sua funcionalidade, proporcionar proteção e lazer aos homens diante da *fúria* da natureza. No percurso dos séculos, a cidade foi galgando e cedendo espaço para as relações comerciais que ficaram cada vez mais sofisticadas diante da emergência do capitalismo, em suas mais variadas formas, ampliando sua espacialidade e submetendo as zonas rurais aos interesses temporais de homens de negócio¹⁵. Greccio e Belém, duas comunidades

¹⁵ Segundo Leandro Duarte Rust (2008, p. 4), o mercador “vivenciava o tempo de maneira oposta, considerando-o um artefato profano: um quadro rotineiro e habitual de medidas e referências para orientação em meio à trama de acontecimentos que o envolviam, tais como planejamento de viagens, avaliação de ganhos, estimativa de produção, etc. O mercador conquistava o tempo e retalhava-o tal como

rurais de pouco destaque, mas que experimentaram o protagonismo de suas histórias no momento em que Cristo, e depois Francisco, definiram os seus lugares através da escrita de autores que tinham consciência da importância desses dois eventos para história do *mundo cristão*.

Não existe o Santo de Assis¹⁶ sem Cristo, mas o Cristo é soberano na Palavra Viva de Francisco representada na encarnação e encenação do presépio. “O verbo se fez carne”, como afirmou João, é o interesse central da encenação do Natal em Greccio proposto pelo Santo italiano e essa narrativa será legitimada através de Tomás de Celano que afirmou a dádiva da saúde para todos aqueles que partilharam da consagração do espaço da aldeia no contexto do auto de fé:

E, na verdade, aconteceu que muitos animais que tinham diversas doenças pela região ao redor, ao comerem desse feno, foram libertados de suas doenças. Até mesmo as mulheres que trabalhavam em grave e longo parto, colocando sobre si um pouco do predito feno, dão à luz com saudável; e a multidão de homens e mulheres obtém a desejada saúde de diversas doenças (Celano, 2018, p.82-83).

Da expansão do teatro medieval, que *alfinetou* as bases que sustentavam a estrutura social medieval, a autoridade de intelectuais, como Tomás de Celano, o discurso do presépio franciscano adentrou no imaginário popular materializando-se na mansão mais sofisticada ao casebre da favela mais longínquo, sendo um emissário da paz e fraternidade no *mundo* dos homens. As comemorações dos oitocentos anos do presépio franciscano serão vivenciadas por pessoas, feitas de carne, ossos e sentimentos, que sobreviveram ao vírus do COVID 19 no ano de 2020.

Em que a humanidade “melhorou” no mundo pós-pandemia? Será que o discurso distinto de Francisco diante dos interesses do *novo* sistema econômico que emergia no contexto da *Bela Idade Média* ainda cabe para o século XXI? Será que a *negação* de uma vida de ostentação e acúmulo de bens ainda cabe na fala do *movimento* franciscano? Segundo o frei Dorvalino Fassini, esse conceito de *negação* proposto por Francisco de Assis é algo que não pode ser vendido, mas construído pelos valores imaginados pelo raro e breve momento na gruta em Greccio. Nas palavras do referido frei:

a um objeto. Impunha-lhe um preço, tratava-o como um índice de cálculos, de projeção de riscos e de realização de lucros”.

¹⁶ Expressão utilizada por Inácio Larrañaca (2012) para imaginar Francisco de Assis numa linguagem poética e transformadora, visualizada na sua obra *O irmão de Assis*.

O presépio, portanto, é para evangelizar e evangelizar-se e não para ser comercializado; é para ser admirado e não explorado considerado e não negociado, contemplado e não consumido em vista de nossos interesses, particulares ou sociais, uma convocação de vida e para vida e não um mero enfeite para satisfazer as emoções de nossas subjetividades (Fassini, 2023, p. 44).

Das reflexões e questionamentos apontados pelos autores que pesquisamos irá florescer outros posicionamentos que apontarão *novas* pesquisas sobre a figura histórica de Francisco de Assis. Mas é o momento experimentado na gruta, apenas por aqueles que vivenciaram, poderiam descrever o evento experimentado por Francisco e seus seguidores da comunidade rural de Greccio, não pode ser captado como realmente foi, mas diante dessa impossibilidade ainda resta o consolo da profundidade do espiritualismo que Francisco de Assis propôs para sua época “no âmbito de um movimento laico que ansiava por viver uma vida realmente apostólica [...]” (Barros, 2011, p. 112).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os 800 anos de celebração do presépio franciscano representa uma vitória do cristianismo na memória social do povo católico. As permanências da *Bela Idade Média*, proposto por Le Goff, percorreram os séculos e adentraram no século vinte e um trazendo em seu bojo a filosofia de São Francisco de Assis que criticou um formato de “cristianismo” submergido na lama da luxúria e apontou outros caminhos para vivência, uma vida de fraternidade entre os irmãos.

Da encenação do presépio na noite de Natal em Greccio a conexão da *santidade ecológica* o nome de Francisco figura entre os principais santos da Igreja Católica no Brasil e, especificamente, no Nordeste. As representações sobre o Santo de Assis, de forma sutil, materializaram-se em nome de pequenos comércios, ruas, e se tornou um nome popular no cotidiano, levando a imprensa escrita procurar todo final de ano dar voz aos presépios construídos pelo povo como símbolo da vitória do amor de Deus em nosso mundo.

Outro ponto que não pode ser esquecido é a importância das autoridades católicas. Elas dedicaram suas vidas à manutenção das representações sobre o Santo de Assis através de pesquisa e investigação minuciosa para deixar um legado duradouro para

gerações futuras sobre a importância do ser humano que era Francisco com suas peculiaridades da sua mentalidade medieval. O ano de 2023 envia uma mensagem singela – Os 800 anos do Natal de Greccio – que representa o Deus que se transformou em carne e, ainda, que por um breve momento, viveu entre nós.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rogério Tabet de. Evolução histórica do conceito de pessoa enquanto categoria ontológica. **Revista Interdisciplinar de Direito**, v. 10, n. 1, p. 221-236, 2017. Disponível em: <https://revistas.faa.edu.br/FDV/article/view/202/167>. Acesso em: 02 ago. 2023.

AMBRÓSIO, Eliane Ribeiro. Cenografias presepias: estrutura compositiva e iconografia. In IV Encontro de História da Arte. **Anais...** IFCH, UNICAMP, 2008. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2008/AMBROSIO,%20Eliana%20-%20IVEHA.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2023.

BARROS, José Costa D'Assunção. Considerações sobre a história do Franciscanismo na Idade Média. **Estudos de Religião**, v. 25, n. 40, 110-126, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6265587.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2023.

BEZERRA, Idelfonso. A sociedade medieval: o mundo de Francisco de Assis. In: MOREIRA, Alberto da Silva. **Herança Franciscana**. Festschrift para Simão Voigt. Petrópolis: Vozes, 1996.

BÍBLIA. Bíblia de estudo e aplicação pessoal: versão Almeida revista e corrigida. Tradução: João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

CARRARA, Maurício Alves. **As muitas faces de Francisco**: memória e representações (séculos XII e XIII). 2017. 263f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, 2017. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1881.pdf>. Acesso em: 02 maio 2023.

CELANO, Tomás de. **Vida de São Francisco de Assis**. Tradução: Frei Marcio Teixeira. Petrópolis/RJ: Vozes, Brasília/DF: CFFB-Conferência da Família Franciscana do Brasil, 2018.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 35, n. 2, p. 253-270, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: 02 maio 2023.

DENIPOTI, Cláudio. Apontamentos sobre História da Leitura. *In: História e Ensino*, Londrina, v. 2, p. 81-91, 1996. Disponível em:

https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/847835/mod_resource/content/1/Apontamentos%20sobre%20a%20hist%C3%B3ria%20da%20leitura.pdf. Acesso em: 15 jul. 2023.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**: escrever uma vida. Tradução: Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FARGE, Arlette. **Lugares para História**: coleção história e historiografia. Tradução: Fernando Scheibe. São Paulo: Autêntica, 2011.

FASSINI, Frei Dorvalino. **Presépio de Greccio**: o Natal segundo São Francisco de Assis e o Papa Francisco. Porto Alegre: Evagraf, 2023.

FOLHA DE PERNAMBUCO. **Convento de São Francisco comemora 800 anos da criação do presépio com programação especial**. 08 dez. 2022. Disponível em:

<https://www.folhape.com.br/noticias/convento-de-sao-francisco-comemora-800-anos-da-criacao-do-presepio-com/249601/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS (FFC). Organização de Celso Márcio Teixeira. Tradução: José Carlos Corrêa Pedroso, Irineu Gassen, Ary Estêvão Pintarelli e Durval de Moraes. Apresentação Sergio M. DAL MORO. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: FFB, 2014.

FORMIGONI, Beatriz de Moraes Salles. Da idade média a idade moderna: um panorama geral da história social e da educação da criança. **Temas em Educação e Saúde**, [S.l.], v. 6, p. 137-150, mar. 2017. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/tes/article/view/9523>. Acesso em: 20 jul.2023.

FRANCISCO, Papa. **Admirabile Signum**: Carta Apostólica sobre o significado e o valor do presépio. 2. ed. Brasília: Edições CNBB: 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20191201_admirabile-signum.html. Acesso em: 20 jun.2023.

GEHLEN, Ivaldo; MOCELIN, Daniel Gustavo (orgs.). **Organização social e movimentos sociais rurais**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213950/000747746.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 ago. 2023.

GERMINATTI, Fernando Tadeu; MELO, Alessandra de. O conhecimento histórico e a busca pela verdade: uma leitura da subjetividade e da objetividade na dualidade entre sujeito e objeto. *In: Research, Society and Development*, v. 7, n. 5, p. 01-12, 2018. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/320/507>. Acesso em: 19 ago. 2023.

GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus** - Revista Eletrônica em Ciências Humanas Estudos Interdisciplinares em

Memória Social, ano 8, v. 7, n. 13, 2008. Disponível em: [//seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815](http://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815). Acesso em: 02 maio 2023.

JORNAL CORREIO BRASILIENSE. **Tradição dos presépios se renova em vários pontos do DF.** 21 dez. 2017. Disponível em: www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/12/21/interna_cidadesdf,649170/tradicao-dos-presepios-se-renova-em-varios-pontos-do-df.shtml. Acesso em: 26 jul. 2023.

JORNAL DE BARRETOS. **Papa rezeará no lugar do primeiro presépio feito por São Francisco de Assis.** 30 nov. 2019. Disponível em: <https://jornaldebarretos.com.br/artigos/papa-rezara-no-lugar-do-primeiro-presepio-feito-por-sao-francisco-de-assis/>. Acesso em: 26 jul. 2023.

KUSTER, Niklaus. **Francisco e Clara: dupla biografia.** Braga, Portugal: Editorial Franciscana, 2012.

LARRANÃGA, Inácio. **O irmão de Assis.** 20. ed. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 377-382.

MACIEL, Carolina Pina Rodrigues. Literatura de testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculée Ilibagiza e Michel Laub. **Revista Opiniões: Revista dos Alunos de Literatura Brasileira USP**, São Paulo, ano 5, n. 9, p. 74-80, 2016. Disponível em: [//www.revistas.usp.br/opiniaes/issue/view/9304/842](http://www.revistas.usp.br/opiniaes/issue/view/9304/842). Acesso em: 02 jun. 2023.

MAGALHÃES, Joaquim Romero de. Editorial. Ilhas, isolamento, solidão. *In: Revista Oceanos*, n. 46. Ilhas Fantásticas. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, abr./jun. 2001.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina. (orgs.). **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.

PALONGAN, Elisângela Conceição Vieira; SILVA, Luís Fernando Moreira da; CASSANDRE, Marcio Pascoal. Arte cênica e aprendizado: potencialidades para organizações. *In: Revista Pensamento Contemporâneo em Educação – RPCA*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, jul./set. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12712/rpca.v13i3.28179>. Acesso em: 25 jun. 2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *In. Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/BXNmGmrvkWDkdVR4VPskmLJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jun. 2023.

RATZINGER, Joseph. Bento XVI: **A infância de Cristo.** Tradução: Bruno Bastos Lins. São Paulo: Planeta, 2012, p. 60

REVISTA MUSEU. **Presépios encantam o público no Natal da Mineiridade.** 26 dez. 2022. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/15859-26-12-2022-presepios-encantam-o-publico-no-natal-da-mineiridade.html>. Acesso em: 15 jun. 2023.

RUST, Leandro Duarte. Jacques Le Goff e as representações do tempo na Idade Média. **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 5, ano V, n. 2, p. 1-19, abr./maio/jun. 2008. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/40/35>. Acesso em: 25 maio 2023.

SILVA, Andreia Cristina; PASSOS, Elisabeth da Silva. Representações da morte em Tomás de Celano. **Cadernos do Ceom**, Chapecó, v. 16, n. 16, p. 213-250, 2002. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2161/1251>. Acesso em: 25 maio 2023.

SILVA, Eduardo Cristiano Hass da. Entre o medievo e a idade moderna: o teatro como transição, aglutinador cultural e gerador do indivíduo moderno. *In*: VIII Encontro de pesquisa em arte da Fudarte. III Seminário de grupo de pesquisa da UERGS. **Anais... UERGS**, Montenegro, 2015, p. 141-148. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/epa/article/download/273/370>. Acesso em: 15 jul. 2023.

TEIXEIRA, Frei Celso Márcio. Introdução. *In*: CELANO, Tomás de. **Vida de São Francisco de Assis**. Tradução: Frei Marcio Teixeira. Petrópolis/RJ: Vozes, Brasília/DF: CFFB-Conferência da Família Franciscana do Brasil, 2018, p. 11-19.

STICCO, Maria. **São Francisco de Assis**. 7. ed. Tradução autorizada: Armando Mas Leite. Petrópolis: Vozes, 1991.

TUCHMAN, Barbara W. **Um espelho distante**: o terrível século XIV. Tradução: Waltersin Dutra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

VANBOEMMEL, Frei Fidêncio. Apresentação. *In*: CELANO, Tomás de. **Vida de São Francisco de Assis**. Tradução: Frei Marcio Teixeira. Petrópolis/RJ: Vozes, Brasília/DF: CFFB-Conferência da Família Franciscana do Brasil, 2018, p. 7-10.

XAVIER, Erico Tadeu. Justino Mártir: um filósofo em defesa da fé cristã. **Último Andar**, v. 24, p. 08-24, dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/21517/15766>. Acesso em: 03 jun. 2023.